



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

**A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
REGULAMENTAÇÃO EM ANGOLA**

Por

Victor Manuel Amaro Burity da Silva

Orientado por

.....

Dissertação de Pós-Doutoramento

2021

Chacina. Talvez a expressão mais adequada ao ensino em Angola. Um país que não mata o saber porque não tem, mas inviabiliza quem quer saber porque não é capaz, ou simplesmente não quer. Angola, na retaguarda de qualquer outro país africano, um simples e mal licenciado é professor, alguém que apenas tem um diploma, que nada significa, sabendo nós da qualidade do ensino angolano, que vive orgulhosamente solitário nas suas desventuras de intelectuais de ar estafado, apenas os fatos que enfeitam de vaidade o orgulho abrupto de um licenciado sem reconhecimento em mais parte nenhuma do mundo.

Estudiosos quadrados que nem para quadros mal pintados servem e enchem-se de um orgulho ignóbil nesta redoma de fantasias espalhados pelas paredes da melancolia das pessoas que por ali vivem, um curso superior que serve apenas para vender frangos no KFC, vaidosos e ostentando o seu diploma nas viagens tristes feitas pela cidade. Licenciatura em Angola é uma falácia, uma tristeza.

Com o devido respeito, digo, muitos recorrem a Cuba, mas vão sem bases nem capacidades mínimas para um curso qualquer num país que vive, infelizmente, um atraso milenar, a quem ensina? Pois, não ensina, amalha valores monetários para que infelizes deste país consigam um diploma de licenciado, mestre ou doutor, mas de validade duvidosa, questionada, verdade, que terá Cuba para ensinar quando eles próprios não o conseguem?

Nesses países o ensino é negócio, virou mercantilismo puro onde quem possuir alguns dinheiros vai e é diplomado com excelência sem ter feito sequer nada, nada sabem de qualidade ou o que isso significa, vive-se de um orgulho nefasto e necrófilo onde só os abutres conseguem singrar. Comer o resto do pouco de poucos que são todos. Miseravelmente felizes nessa redoma de sonhos amassados e amansados por ostentação, é disso que vivem.

Está provado que ninguém consegue ensinar tudo o que sabe, logo, num país com uma imensa quantidade de analfabetos puros e o resto analfabeto funcionais, que se aprende nestas escolas? Sou obrigado a dizer: Nada. Nada porque ninguém quer que se saiba, dividir para reinar, não formar quem ensina e quem ensina nem para si próprio sabe. As escolas públicas são uma pura vergonha!

As privadas um purgatório de cofres para amearhar, nada mais. Angola é o segundo país africano que menos aposta no ensino. Porque será?

Investigar e trabalhar para que se encontrem respostas, arranjar soluções, especialistas que entendam de educação, filosofia do ensino, agitar e abrir o leque das mais variadas tempestades encontradas quando ninguém mais ainda pensou nisso. Pretendo sim, trabalhar e investigar, melhorar a minha formação e credibilizar mais a minha opinião que cientificamente seja mais credível, destapar esta teia onde só a arrogância vive porque é lema cá, quem menos sabe mais vale, porque convém, teorias totalitárias e regimes duros, sujam a alma de inocentes que continuam caminhando sem sair do mesmo lugar, é como aprendem a saber e o resto é um leito de noite escura.

Teremos como melhorar? Acredito que sim, mas, para tal, muitas coisas terão de mudar, desde quem governa a quem é governado, devemos ter consciência para que nos entendamos e perceber a realidade, estudar é um trunfo para o bem saber e fazer. Um país que foge da globalização porque se acha já sabedor de tudo, um país relaxado num cómodo e ventilado estado de convencidos do todo em tudo, que se esbanja em fortunas secretas e ignora que, estudar é uma arma para o crescimento.

Sem ciência não há consciência, o saber é como um grupo de pombos esvoaçando simplesmente a descontraída vida dos inocentes, os pombos nada sabem da vida, nada sabem do que sabem, e talvez nem sonham, dormem pelos cantos de lugares encontrados ao acaso e ali ficam até despertem de sonos longos e anos perdidos a inventar misérias. Detesto ditaduras e abomino falta de consciência das liberdades, e daí imensas vezes me pergunto: o que será de facto a liberdade? Democracia e liberdade são absolutamente diferentes, são, até o odor nos seus perdigotos se nota a diferença. Cabe a cada cidadão mostrar a sua dignidade ou indignação, embora limitados num estado que mata quem diz a verdade, um estado que absolutamente aniquila quem diz a verdade ou mostra o que sente perante injustiças dos que nos governam dizer, mas deverá ser esse o caminho, caso contrário, seremos todos cúmplices desta tão amarga realidade.

“Um ar salgado e um cheiro a podre em todas as esquinas da cidade, mais mendigos e pedintes nestes quilómetros quadrados, apenas e só, quadrados. Toneladas de Rovers e Land Cruiser nos parques privados de sua excelência, a azáfama nefasta para os que ali andam e apreciam a beleza desencantadora deste paraíso à beira mar plantado, mas não para todos.

Rugidos sacados a ferros chegam como órbitas caídas de um flagelo qualquer, um destinado lugar de impossíveis sucessões a não ser as de alquimia rupestre num vendaval do Alentejo cavalgar este prego no peito. Mas não, não há decência nem rasgos de ciência ou propósito para tal, a ciência neste quintal é ser mais gordo que o resto dos tubarões.

As minhas incomodações são ninharias a beira de mares que se oriental nas metamorfoses de vozes sem som, apenas ordenam como se de carrascos tratasse, porque sou mais ou mais, que me importa a cultura ou saber que desconheço?

Bairros repletos de escuridão que nem o cheiro do lixo serve para encaminhar afastando-nos desta melancolia no mais profundo do âmago dos insectos, rangem como moscas e comem-nos como água sem sabor, Best para afogar o silêncio nesta maravilhosa tristeza perfilada por destinos comuns, nós, que acabamos completamente desconhecidos neste mapa onde nem sequer o meu rosto aparece em jornal nenhum, sou nada, mais do que isso, sou um selvagem a quem me foi dada a bengala dos velhos, caso chegue lá.

Aqui, o sol arde, na pele, nas entranhas de todas as consciências, um voraz transparente que nos abole e abala quando acordamos, sim senhor Ministro, ao

erro mais colossal que alguém possa ter proferido. Sinto uma ferida no âmago mais profundo da escadaria das minhas entranhas, que apenas defecam com banalidades e coisa nenhuma.

Mais vale ser um batedor de quizomba para mexer o corpo que usar a essência, a razão pura tipo Kant, pois, isso será garantidamente perder navios e não interessa, não interessa porque mais não sabem e saber cansa muito.

O mapa de África parece-me um rosto, um rosto sem orgulho porque é e sente-se triste, triste porque existe e existir implica participar e nada disso por cá acontece porquê e que interessa saber quando sabemos de tudo e estrumações no nosso paradoxo civilizacional não interessa?

Aqui, abençoados, Deus é garantidamente angolano, Deus tem-nos protegido, tal o estado das coisas que vejo e ouço, tal a miséria destas mentes pensantes, só mesmo isso, as mãos de Deus ainda nos ajudam muito, caso contrário, seriam palavras perseguidas pelos infernos e é isso mesmo.

Marionetes que desfilam nas leis como cegonhas cegas, o poder engana e a ganância corrompe, marionetes porque não se obedecem, seguem os carris da ignorância que quem acima manda determina e nem sequer publica, marionetes num poder onde apenas um manda em tudo e o resto segue o rebanho como cabritos obedientes.

O circo repleto e nas escadarias de madeira e nos fosséis ainda ossadas como carne de verme esperar

pelo fim do verão numa estação de autocarros para delinquentes, sentados nos paladins incolores criar leis e ordens para que a cabritada nem mie sequer como convém.

E lá, no corredor da casa das leis afogam-se nas suas próprias ignorâncias repletas de arrogância e disso nem se apercebem, estudaram para comercializar pessoas convencendo-as a um voto porque de resto nada mais delas precisam e se preciso for pisam-nos como a baratas desamparadas.

Incham o peito e a cabeça com dom de perpetuar os seus desejos, ali mesmo, no lugar dos reis que contam com pauzinhos não vá a máquina de calcular falhar e lá se vão as contas para a vida inteira até à diarreia.

A caminho pela estrada, o suor da madrugada, ventanias deambulam só. Entre tantas nada, só. Como caminhante a viagem descalça beijada de pedras que dormem, sim, é noite e madrugada, que escuro belo penso, um doer emancipado numa carpa de sal e só. Vidros velhos dançam, o reflexo avulso além, não há ninguém. Surdo seco e sujo, só, vergo o meu casaco, só, dispo a minha alma nesta casa isolada de sons e sol, mesmo assim o vento, só, mesmo nada vendo, só, vejo o caule da minha insana saudade de morrer. Onde há lixo há moradas, onde casa há gente, só.

Num detesto de bradar, um radar a vadiar sobre nós como um pão sem roque, o torrado azedo da voz nesta amarga saliva de tédio, a repetição desaprendida em esquinas de veludo onde a saúde gesticula felicidade, a morte na vaidade do jacaré plasmado como um tronco plantado no deserto das ideias, nada

mais ali falta a não ser o nada, não há coisa alguma que faça falta, a falta é uma repetição enervante como gotas de gelo onde o sol queima o silêncio, só.

Desde o Sul acima, a cor do clima em cima, a cimeira de Otava à toa tal a tuna de Ostrava, de sul a norte há mortes apenas e ressuscitam cadáveres aqueles desgraçados vestidos de Brel num quintal de mal para sacudir enfim, o fim. Não há nada a não ser o nada. Ali à volta giram gaivotas num mar de estrada por ainda caminho, parado como lerdo ensaboar cedro da raiz quadrada da vergonha. Só.

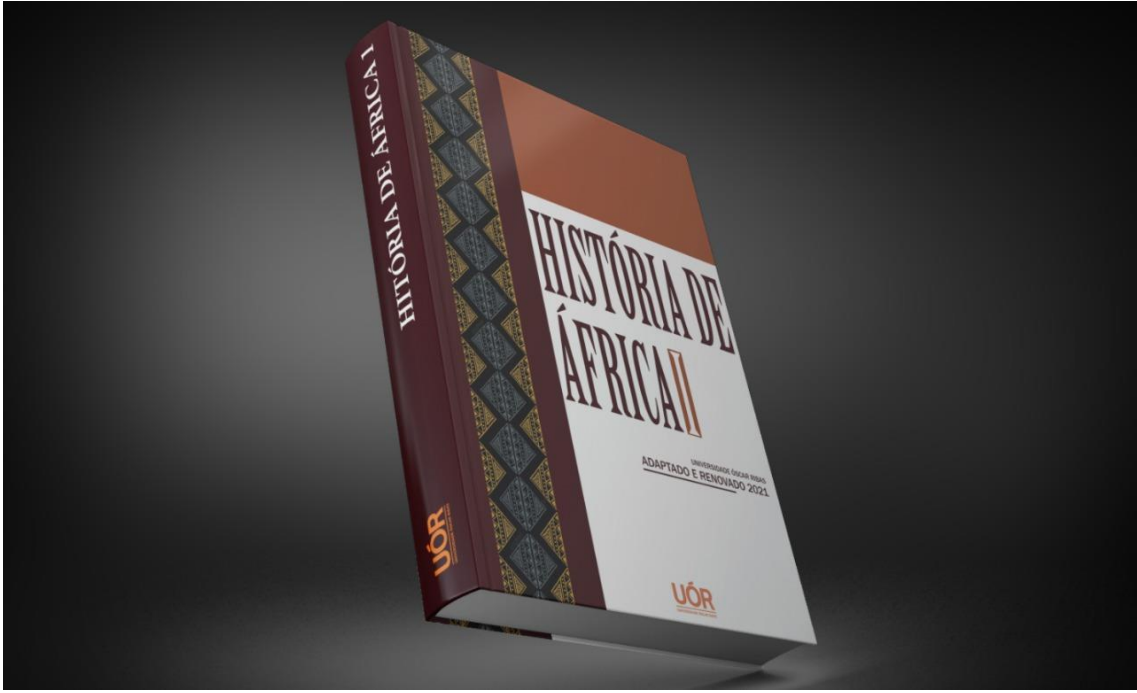
Só um velho, daqueles que espumam, salpicam dos pelos a marca registada da sua infinita caminhada há estrada, o temporal no palco onde a arte se diverte com penos talhados à pressa para fustigarem o anti-reflexo dos meus óculos surdos como sementes de areia para plantarem à esquina de cada caminhada vencida para nada, nada é talvez a melhor arma para a vida e ensurdecer saúda a memória que como e durma à beira de elefantes ingénuos rasgando rumos e nada à sua frente, é memória, só.

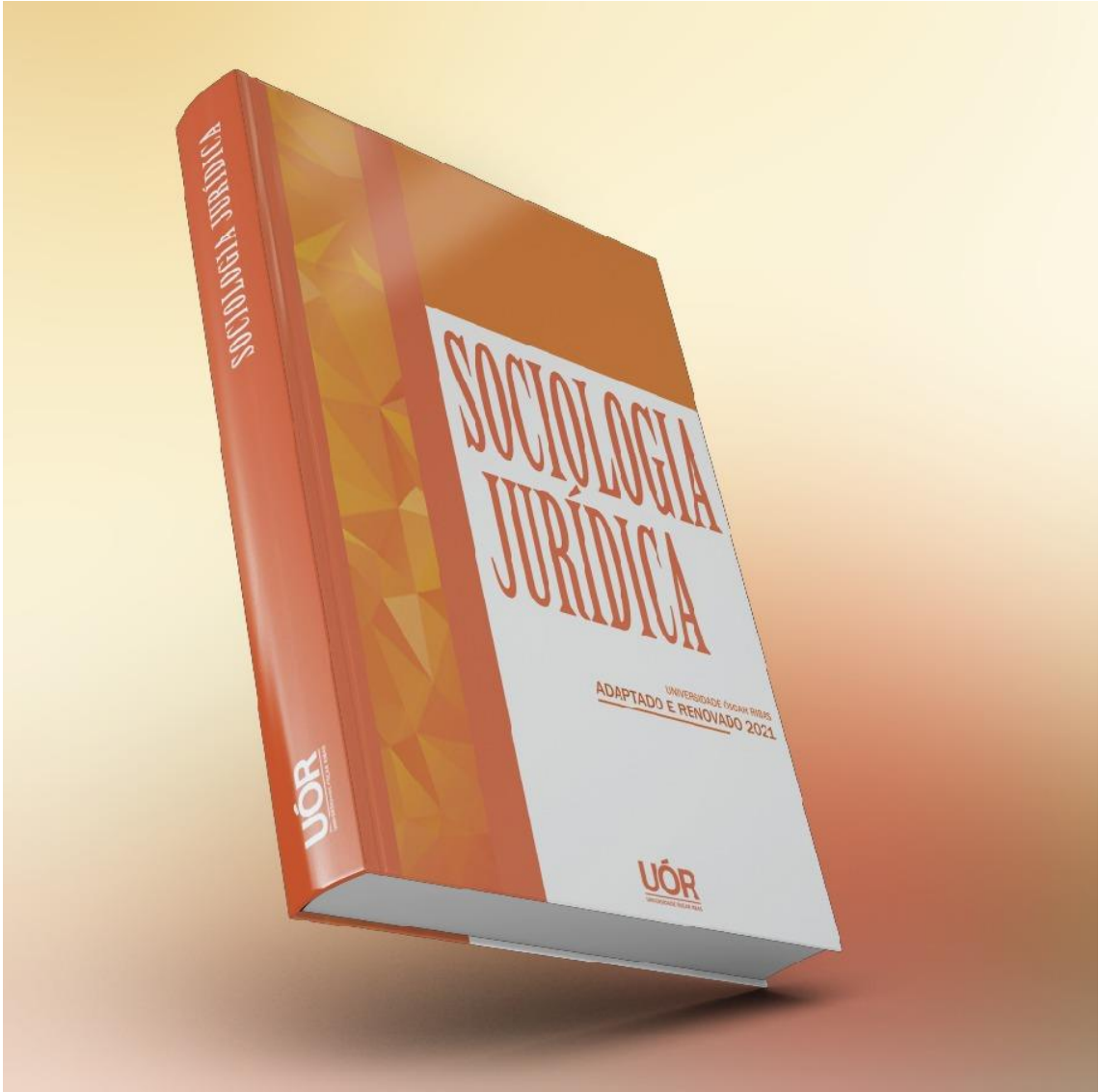
Ao chegar à cubata nada, nada mais ali a não o que se pensou ter ali existido tal a confiança da mente que apenas e só, na mente. Tao simplesmente como isso, coisa fácil de entender a menos que se queira fazer existir o vazio preencher-nos e arregaçar-nos no seu colo imaterial de mãe da nossa mente, e daí só, apenas nos mente com as suas sagacidades de cidadão da cidade principal enquanto o resto já só existe na memória morta. E lá está ainda sentadinha a minha Cuba que só o Alentejo conhece. Alvorece. Azeitona doce que o chão engole para desprazer dos alquimistas, só o Alentejo conhece.

Não escrevo para que gostem do que escrevo, muito pelo contrário, a minha intenção é provocar almas estagnadas por baixo de fatos e gravatas repetidas diariamente num paladim de pudim, escrevo para desconversar, as conversas são o reverso do sucesso e só quem ama a impureza é livre. Eu não livre. Sou escravo de mim mesmo enclausurado em mim mesmo, nasci para criar roturas e despoletar as borboletas de carburadores afogados de combustível sem cor, a minha glória é essa e o resto não me interessa. A vulgaridade, chavão perpétuo dos gloriosos com almas de pedra no catolicismo inventado para o bem, ninguém consegue bom, nascemos apenas puros e criamo-nos à nossa maneira destruindo e desafogando florestas virgens e destinos de fumo encharcado até à medula, detesto esta ordem de falácias num diário da república a determinar o meu sonho, não, não vou por aí, vou por me chamam os meus próprios instintos, de carne e osso para porcos neste chagal de lamas fundidas, florestas vendidas e nada vale nada, e do nada de repente tudo desaparece, desaparece a vontade de mal e bem, de sonhos e cantigas de embalar, dorme menino, dorme, não, nasci para enganar a pureza dos sábios colados a notas de dólares para os pneus do ferrari encostado às escadas da igreja de Massamá e isso apenas porque chove já e bastante. Se é para humanidades desenganem-se, a humanidade existe apenas nos mapas dos estudantes de medicina que aprendem com facilidade como enganar o mal que na esgana. Detesto elogios, e digo porque vejo o vazio flutuar tão simplesmente para que contentemos e felizmente infelizes seguir o desfiladeiro das forças armadas, fardados como cães de raça roer os ossos do sono e do futuro,

elogiar é assim desde que nasci, mas nunca me convenci que seria isso um destino fiel, e como sei tão bem que a verdade é um produto avulso vendido num mamadu qualquer de pau preto para afastar o feitiço. Agradar com escrita é desumanizar, vender palavras como vendedor de cautelas e de cautelas não me sirvo, sirvo-me da minha desumanidade para humanizar desertos e plenos planos no tribunal da realidade que apenas se serve da inocência para se alimentar. Não escrevo para que gostem do que escrevo.

Do livro – Em Angola matumbisse é estatuto; de Victor Burity da Silva”









Alguns dos livros que escrevi.

E continuo no percurso do que pretendo ao elaborar este documento, humanizar o ensino em Angola, temos ensino obrigatório, mas, sinceramente, com professores rurais, mais velhos e talvez só por isso, muito mal pagos, a ensinar nas escolas mais rurais havendo ainda assim noutros meios, como cidades nas escolas públicas. Onde tantas vezes me pergunto, ensino obrigatório sem livros, de baixo de árvores, nada aprendem mas continuam os estudos com aproveitamento e um dia chegam à universidade, onde tenho muitos alunos vindos desse sistema, que não possuem qualquer actividade cognitiva, nada entendem do conhecimento abstracto das perguntas, alunos que quase nada sabem nem entendem, licenciados um dia neste chagal vergonhoso que só desconsidera o país e o atira para os últimos lugares do ensino em África, imaginemos a nível mundial.

“Pensar o futuro é um exercício arriscado e, muitas vezes, fútil. Mas, apesar dos avisos, não resistimos à tentação de imaginar o que nos irá acontecer, procurando, assim, agarrar um destino que tantas vezes nos escapa. Como escreve Pierre Furter – a quem este ensaio é dedicado. 2 Precisamos de vistas largas, de um pensamento que não se feche nem nas fronteiras do imediato, nem na ilusão de um futuro mais-que-perfeito. À maneira de Reinhart Koselleck (1990), interessa-me compreender de que modo o passado está inscrito na nossa experiência actual e de que modo o futuro se insinua já na história presente. – o horizonte não existe para nos trazer de volta à origem, mas para nos permitir medir toda a distância que temos a percorrer. O homo viator constrói uma casa apenas para o tempo necessário, pois é caminhando que ele se encontra e descobre o sentido da sua acção (Furter, 1966, p. 26). O texto está organizado numa lógica passado-futuro. Assinalo, simbolicamente, três datas que definem momentos de transição: 1870, 1920 e 1970. Procurarei contextualizar historicamente cada um destes momentos e explicar de que modo

as questões que eles suscitam abrem, hoje, para evoluções contraditórias dos sistemas educativos. Na última parte, um tempo futuro, buscarei uma síntese destas evoluções, definindo as minhas próprias opções quanto ao cenário mais desejável para a EDUCAÇÃO 2021.

Nesta última parte, seguirei os conselhos de Pierre Furter (1966), procurando introduzir, no presente, um futuro esboçado de maneira a dar a este presente uma forma que permita a eclosão do futuro. Mais do que uma antecipação, tentarei projectar cenários de futuro, aqueles em que me revejo de entre os muitos possíveis. Ao fazê-lo, estou a traçar caminhos e a definir orientações para a acção presente. 2021 é um tempo futuro, ainda sem nome, mas suficientemente perto para que nele possamos inscrever, desde já, as nossas preocupações. Nas páginas anteriores, avancei uma série de cenários, uns mais prováveis do que outros. No final de cada uma das três partes, em itálico, assinalei as evoluções desejáveis. Vou agora retomá-las e defendê-las, em conjunto, como programas para pensar e agir no campo educativo: 1.^a Educação Pública, Escolas Diferentes 2.^a Escola centrada na aprendizagem 3.^a Espaço Público de Educação: Um novo contracto educativo.

São muitos os futuros possíveis. Mas só um terá lugar. E isso depende da nossa capacidade de pensar e de agir. Deixo-vos alguns contributos modestos, em torno de três propostas que poderão orientar programas de trabalho e políticas educativas. É preciso abrir os sistemas de ensino a novas ideias. Em vez da homogeneidade e da rigidez, a diferença e a mudança. Em vez do transbordamento, uma nova concepção da aprendizagem. Em vez do alheamento

da sociedade, o reforço do espaço público da educação. Estas propostas genéricas não se baseiam em situações concretas, nem em casos específicos. Procuram, sim, provocar um debate, que vai para além das fronteiras nacionais, abrindo novos horizontes para a educação. São ideias que só poderão ser úteis se forem devidamente contextualizadas e adaptadas à realidade de cada região e de cada país. Hannah Arendt escreveu que uma crise apenas se torna catastrófica se lhe respondermos com ideias feitas, isto é, com preconceitos (1972, p. 225). Tinha razão. O pensamento contemporâneo sobre educação tem de ir além do já conhecido e alimentar-se de um pensamento utópico, que se exprime “pela capacidade não só de pensar o futuro no presente, mas também de organizar o presente de maneira que permita actuar sobre esse futuro” (Furter, 1970, p. 7).

Educação 2021: Para uma história do futuro

António da Nóvoa (Universidade de Lisboa)”

“Belíssima descrição do que é, infelizmente, a educação em Angola. Realidade e verdade nua e crua.

Ainda não li tudo, mas só o que está na introdução resume o triste estado da educação neste país...

É preciso mudar mentalidades de quem comanda e dirige este grande país! Reformas na educação são urgentes...

Parabéns Dr. Burity

Essas mudanças devem começar pela base da pirâmide... pré-escolar, 1º ciclo...e rever a questão da formação dos

professores. Como ensinar, como transmitir conhecimento se não se sabe falar ou escrever português?

A própria imagem do professor em Angola deve mudar. Já não estamos na era do "o professor fala e o aluno deve estar calado a ouvir". O ensino já não é assim...

Ana Quelhas Lubango: O aluno é o principal agente na sua aprendizagem. Deve ser interventivo, investigador, comunicador...

Não um simples ouvinte...ou receptor ...

Depois há professores que dizem que os alunos das escolas portuguesas são mal-educados, porque falam muito.

Não, meus senhores, não são mal-educados. Os alunos das EP participam, questionam...assim é que se aprende.

Enquanto ser professor for apenas vestir um fato bonito...não haverá mudança.

Professora Ana Quelhas da Escola Portuguesa do Lubango".

Tenho andado na estrada para fundamentar a minha opinião, recolher dados, informações, para dar continuidade ao meu propósito descrito e elaborado nesta tese, que, não só como um despertar de consciência, pretendo acima de tudo resultados. Mantar este mal eternamente e ficando au a olhar apenas, faz-me sentir cúmplice do afirmo ser uma vergonha. Precisamos de quem agite tudo isto, para as mentes, pelo menos, se apercebam que nem todos por cá estamos a dormir na poltrona do poder, trabalhamos apenas para melhorar o que está mal.

BIBLIOGRAFIA

Artigos em revistas com referees

Nóvoa, A. (2012). Lumières sur l'école: Comment interpréter les débats éducatifs contemporains dans le monde? *Administration et Éducation*, 3, 9-17.

Nóvoa, A. (2012). Pensar: Alunos, professores, escolas, políticas. *Revista Educação, Cultura e Sociedade (Brasil)*, v. 2, 2, 7-17.

Nóvoa, A. (2010). La construcción de un espacio educativo europeo: Gobernando a través de los datos y la comparación. *Revista Española de Educación Comparada*, 16, 23-41.

Nóvoa, A. (2009). Para una formación de profesores construída dentro de la profesión. *Revista de Educación*, 350, 203-218.

Nóvoa, A. (2009). Educación 2021: Para una historia del futuro. *Revista Iberoamericana de Educación*, 49, 181-199.

Nóvoa, A. & Yariv-Mashal, T. (2003). Comparative Research in Education: a mode of governance or a historical journey?. *Comparative Education*, 39 (4), 423-438.

Livros

Nóvoa, António (1993). *Os Professores e as Reformas de Ensino na Viragem do Século 1886-1906*. Porto: Edições ASA. ISBN 0101000071351

Nóvoa, António (1995). *As Organizações Escolares em Análise*. Amadora: Dom Quixote. ISBN 9789722010047

Nóvoa, António; Diana Soto Arango; Erwin V. Johanningmeier; Marc Dcpaepe (1996). *Para uma História da Educação Colonial*. Lisboa: EDUCA.

Nóvoa, António (1998). *Histoire & Comparaison*. Lisboa: EDUCA. ISBN 9789728036225

Nóvoa, António & Santa-Clara, Ana Teresa (coords.) (2003). «Liceus de Portugal» - Histórias, Arquivos, Memórias. Porto: Edições ASA. ISBN 9789724131733

Nóvoa, António (coord.) (2003). Dicionário de Educadores Portugueses. Porto: Edições ASA. ISBN 9789724136110

Nóvoa, António (2004). Currículo, Situações Educativas e Formação de Professores - Estudos em Homenagem a Albano Estrela. Lisboa: EDUCA. ISBN 9799728036712

Nóvoa, António (2005). Evidentemente - Histórias da Educação. Porto: Edições ASA. ISBN 9789724142142

Lawn, Martin & Nóvoa, António (2005). L'Europe Réinventée - Regards critiques sur l'espace européen de l'éducation. Paris: L'Harmattan.

Nóvoa, António; Michael W. Apple (2006). Paulo Freire: Política e Pedagogia. Porto: Porto Editora. ISBN 978-972-0-34128-0

Nóvoa, António; António Candeias; Manuel Henrique Figueira (2008). Sobre a Educação Nova - Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana Lemos (1923-1941). Lisboa: EDUCA. ISBN 9789728036102

Nóvoa, António (2008). A Difusão Mundial da Escola. Lisboa: EDUCA. ISBN 9789728036270

Nóvoa, António (2010). Formar Leitores para Ler o Mundo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9789723113266

Nóvoa, António (2013). A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI. Lisboa: Tinta da China. ISBN 9789896711443

Nóvoa, António (2013). A Universidade de Lisboa, Séculos XIX-XX, Vols. I e II. Lisboa: Tinta da China. ISBN 9789896711450

Nóvoa, António (org.); Daniel Hameline; J. Gimeno Sacristán; José M. Esteve; Peter Woods; Maria Helena Cavaco (2014). Profissão Professor. Porto: Porto Editora. ISBN 978-972-0-34103-7

Nóvoa, António; Sérgio Niza (2015). Escritos sobre Educação. Lisboa: Tinta da China. ISBN 9789896711276

Nóvoa, António (2015). Política de Vida. Lisboa: Tinta da China. ISBN 9789896712891

António Nóvoa e Ana Teresa Santa-Clara (coord.) (2003), Liceus de Portuga, Edições Asa, ISBN 9789724131733

Capítulos de livros

Nóvoa, A. (2009). Governing without governing – The formation of a European educational space. In Apple, M. W.; Ball, S. J. & Gandin, L. A. (eds.), *The Routledge International Handbook of the Sociology of Education* (pp. 264-273). Abingdon, Oxon: Routledge. ISBN 9780415486637

Nóvoa, A. (2009). Profesores: ¿el futuro aún tardará mucho tiempo?. In Célaz, C. & Vaillant, D. (coord.), *Aprendizaje y desarrollo profesional docente* (pp. 49-55). Madrid: OEI/Fundación Santillana. ISBN 978-84-7666-198-7

1959: *Educação e actualidade brasileira*. Recife: Universidade Federal do Recife, 139p. (tese de concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes de Pernambuco).

Paulo Freire. *A propósito de uma administração*. Imprensa Universitária; 1961.

1963: *Alfabetização e conscientização*. Porto Alegre: Editora Emma.

Paulo Freire. *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra; 2000. ISBN 978-85-219-0109-9

Paulo Freire; Raul Veloso; Luís Fiori. *Educação e conscientização: extensio-*
nismo rural. CIDOC; 1968.

Paulo Freire. *Extensão ou comunicação?* Paz e Terra; 2001. ISBN 978-85-219-0427-4.

Paulo Freire. *Acção cultural para a liberdade e outros escritos*. Paz e Terra; 2007. ISBN 978-85-7753-023-6.

Paulo Freire. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Paz e Terra; 1984.

Paulo Freire. *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*. Edições Base; 1978

1979: *Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire (antologia)*. São Paulo: Loyola.

1979: Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 112 p.

1979: Multinacionais e trabalhadores no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 226 p.

1980: Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais. República de São Tomé e Príncipe: Ministério da Educação e Desportos, São Tomé.

1980: Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 102 p.

1981: Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade da educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

1982: Sobre educação (Diálogos), Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra (3 ed., 1984), 132 p. (Educação e comunicação, 9).

Paulo Freire; Antonio Faundez. Por uma pedagogia da pergunta. Paz e Terra; 2002

Paulo Freire; Adriano Nogueira; Débora Mazza. Fazer escola conhecendo a vida. Papyrus; 1986

Paulo Freire; Sérgio Guimarães. Aprendendo com a própria história. Editora Paz e Terra; 2000. ISBN 978-85-219-0371-0

Paulo Freire; Adriano Nogueira; Debora Maza. Na escola que fazemos: uma reflexão interdisciplinar em educação popular. Edit. Vozes Ltda.; 1990. ISBN 978-85-326-0237-4.

Paulo Freire; Adriano Nogueira. Que fazer: teoria e prática em educação popular. Vozes; 1989.

Paulo Freire. Paulo Freire conversando com educadores. Ed. Roca Viva; 1990.

Paulo Freire; Donaldo Pereira Macedo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Paz e Terra; 1990

Paulo Freire, A Educação na cidade. Cortez Editora; 1991.

Paulo Freire, A importância do acto de ler: em três artigos que se completam. Cortez; 2008

Paulo Freire. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra; 1997. ISBN 978-85-219-0010-8.

Paulo Freire, Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. Olho d'Água; 2008

Paulo Freire, *Política e educação: ensaios*. Cortez Editora; 1993.

Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, 2003, Editora UNESP, ISBN 978-85-7139-483-4

Paulo Freire, Frei Betto, *Essa escola chamada vida*, 1994, Ed. Ática, ISBN 978-85-08-02764-4

Myles Horton; Paulo Freire; Brenda Bell. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Vozes; 2003. ISBN 978-85-326-2815-2.

Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, *À sombra desta mangueira*, Olho d'Água. 1995, ISBN 978-85-85428-15-0.

Paulo Freire, Sérgio Guimarães, Moacir Gadotti, *Pedagogia: diálogo e conflito*, 1986, Cortez Editora Autores Associados

Paulo Freire, Ira Schor, *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, 1997, Paz e Terra

Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 2009, Paz e Terra, ISBN 978-85-7753-015-1, Ver artigo *Pedagogia da Autonomia*

Paulo Freire, *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, 2000, Editora Unesp, ISBN 978-85-7139-291-5

Paulo Freire, Sérgio Guimarães, *A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*, 2003, Paz e Terra, ISBN 978-85-219-0646-9

Paulo Freire. *"Pedagogia do Oprimido"*. Editora Paz e Terra; 1968 [2014] Última Edição.

Cátedras

Esta seção não cita fontes confiáveis e independentes. Ajude a inserir referências.

O conteúdo não verificável pode ser removido. —Encontre fontes: Google (notícias, livros e acadêmico) (Fevereiro de 2021)

As Cátedras Paulo Freire são instituições que preservam a memória e produção da pedagogia de Paulo Freire. Organizam-se com o objectivo de realizar actividades de pesquisa, estudos colectivos (grupos de leitura), cursos de extensão e apresentação de projectos que valorizem a pedagogia crítica, relevante contribuição social, política e pedagógica de Paulo Freire à humanidade, socializando o conhecimento presente no pensamento freireana, que teve no Método Paulo Freire, uma importante contribuição para a educação popular. Pedagogia do Oprimido e todas as suas obras são preservadas, estudadas e difundidas nas cátedras existentes no Brasil e no mundo.

Relação das Cátedras Paulo Freire no Brasil

CátedraInstituiçãoCoordenação

Cátedra do OprimidoUniversitas Paulo Freire

Instituto Paulo Freire

Universidade Nove de Julho

José Eustáquio Romão

Cátedra Livre Paulo FreireUniversidade Federal de ViçosaArthur Meucci

Cátedra Paulo FreirePontifícia Universidade Católica de São PauloAna Maria Saul

Cátedra Paulo FreireUniversidade Federal de PernambucoMaria Eliete Santiago

Cátedra Paulo FreireUniversidade Católica de SantosAlexandre Saul

Cátedra Paulo Freire - Educação para a Sustentabilidade Universidade Federal Rural de Pernambuco Monica Lopes Folena Araújo

Cátedra Paulo Freire da Amazônia Universidade do Estado do Pará Ivanilde Apoluceno de Oliveira

João Colares da Mota Neto

Cátedra Paulo Freire de Educação de Jovens e Adultos Universidade Federal da Integração Latino-Americana Juliana Franzini

Cátedra Paulo Freire Universidade Metropolitana de Santos Maria do Rosário Abreu e Sousa